

Manoel Salustiano

Dirigente do maracatu Piaba de Ouro

“Você pode ser um simples cortador de cana, mas no Maracatu você é rei. De todos os folguedos, é o mais forte.”

Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron e Sergio Cohn no dia 10 de junho de 2010, em São Paulo.

Manoel Salustiano

Manoel Salustiano Filho gosta que o chamem de “folgazão”. É o termo que usa para os brincantes do maracatu. Não aceita o termo “mestre” – nomenclatura pela qual seu pai, Mestre Salustiano, consagrado rabequeiro e fundador do Maracatu Piaba de Ouro, ficou conhecido. “Tenho muito o que aprender. E não basta ter conhecimento, é preciso liderança.” Aos 40 anos, Manoel é o mais velho dos 15 filhos de Mestre Salu, falecido em 2008. “Ele era um camarada teimoso, mas em cultura era doutor.”

O maracatu é uma manifestação folclórica com influências indígenas e africanas e hoje se mistura com o carnaval. “É um segmento que se criou dentro das senzalas dos engenhos. Existem dois tipos: o de baque solto e o de baque virado.” Cada um segue seu estilo, com as particularidades de ritmos e de cultos. O de Manoel é o de baque solto. Para ele, um bom mestre conhece seus pares até pela “pancada da matinada”. A sabedoria dos folgazões, de acordo com Salustiano Filho, é saber preservar o maracatu como manifestação espontânea dos terreiros. Isso inclui uma aproximação sagaz das “repartições públicas”.

“Pagam para ver minhas fantasias, mas nunca deram dinheiro para que eu fizesse minha sambada de terreiro. Não posso fazer uma sambada dentro de um teatro, em cima de um palco, porque só funciona em um terreiro.” Manoel é também presidente da Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco, que reúne mais de 100 grupos de maracatus de 24 municípios. Coordena também um Ponto de Cultura no qual desenvolve cursos e oficinas de bordado, de inclusão digital e de música.

Qual é a origem do maracatu?

Maracatu é um segmento que se criou dentro das senzalas dos engenhos. Existem dois tipos: o de baque solto e o de baque virado. O maracatu de baque virado é de origem africana, surgiu quando os negros começaram a sair em procissão e fazer louvor à Nossa Senhora do Rosário. Com o tempo, se tornou uma irreverência, uma brincadeira de carnaval, mas respeitando o lado religioso. No maracatu de baque virado predominam as alfaias, que são aqueles tambores, e as baianas. Já no maracatu de baque solto o que predomina é o caboclo de lança. Logo após a suposta libertação dos escravos – digo suposta porque ainda existia muito escravo –, eles se juntavam para bater o mulungu [*percussão feita de tronco esculpido e forrado com couro*] e cantar o martelo [*modalidade de canto nordestino*]. Brincavam ao redor de uma fogueira e depois saíam em cortejo. No final do século 19, começam a chegar na capital e o cortejo passa a ser chamado de maracatu. O ritmo é definido pela pancada solta. A orquestra é composta só por cinco instrumentos: bombinho, caixa, ganzá,

gonguê e cuíca. Este é o terno de maracatu. Isso porque no passado só havia três instrumentos: bombo, caixa e gonguê; depois entraram os outros dois. Ao chegar na capital, nos anos 60, cresceu o movimento dos maracatus de baque solto, nascendo daí a Federação Carnavalesca. Para se adaptar ao concurso de carnaval, a entidade pediu que fossem inseridos dentro do maracatu de baque solto o rei, a rainha e a dama de passo, que não são originários do estilo. Aliás, até 1962 só brincava homem no maracatu. Ou ele era caboclo de lança, arreiamar ou baiana. Nos anos 60, João Lianda, do Maracatu Leão das Flores, de Itaquitanga, colocou mulheres no bloco. Foi quando começou a entrar beleza no maracatu, porque a mulher é mais cuidadosa. Maracatu de baque solto é uma cultura afro-indígena – nossos cultos são todos baseados no ritual da jurema, cultuamos os caboclos da mata. Já o baque virado é inspirado no ritual nagô, no culto aos orixás.

A história do seu pai está envolvida com a do maracatu, não é?

Começou pelo meu bisavô. Depois veio o meu avô João Salustiano, que ainda está vivo e tem 92 anos. Para falar do meu pai, tenho que falar um pouco do meu avô. Ambos eram apaixonados por cavalo-marinho [*manifestação folclórica derivada do bumba-meu-boi*]. Vou contar uma história: meu avô brincava de cavalo-marinho e queria aprender a tocar rabeca. Ele foi na casa de um amigo e viu uma rabeca com três cordas – e a rabeca tem quatro cordas. Mesmo assim, ele propôs trocar o instrumento por um cinto e o camarada aceitou. Só que no interior ninguém tinha tempo para estudar música. A mãe de meu avô dizia: “João, vá buscar a cabra”. Ele amarrava a cabra na cintura com uma corda e saía tocando a rabeca. E assim aprendeu tudo de ouvido: cavalo-marinho, forró, valsa. Depois, meu avô ensinou ao meu pai, que, além de ter aprendido a tocar, a cantar e a fazer as peças, sabia executar o cavalo-marinho do começo ao fim, em todos os sentidos. Só que tinha um problema: ele era analfabeto, era cortador de cana. Após as folgas do trabalho, ele só chegava atrasado no engenho. Vivia perdendo emprego. Perguntavam: “Por que chegou atrasado?”. Ele respondia que havia passado a noite acordado, brincando de cavalo-marinho. E emendava: “Olha, o senhor tem esse engenho, e eu tenho os engenhos do mundo inteiro para trabalhar”. Ao completar 18 anos, pegou um saco, colocou as roupas dentro e disse assim: “Vou para o Recife ser artista”. Todo mundo riu da cara dele. Quando chegou, começou a vender picolé e a fazer um cavalo-marinho, um caboclinho, até criar no ano de 1977 o Maracatu Pia-ba de Ouro. Logo ele já estava sendo chamado de Mestre Salustiano. Mas não se preocupou só com ele. Começou a passar o legado para os filhos, educando

cada qual em uma área – líder, dançarino, artesão, músico. Em 1989, quando o maracatu de baque solto estava se acabando, Mestre Salustiano mais uma vez teve uma idéia: criar uma associação. Juntou 11 maracatus que estavam em atividade em Pernambuco. Havia uma rivalidade muito forte, as pessoas brigavam umas com as outras, mas ele acabou com aquela história e disse: “Vou fazer vocês se olharem”. Com a associação, os maracatus começaram a ser registrados, passando de pessoa física para jurídica. O 1º Encontro de Maracatus, em 1990, reuniu 11 grupos e não teve apoio de ninguém. Ele tinha uma caminhonete velha, precisou vendê-la, pagou os maracatus e fez o encontro. Era um camarada teimoso, que acreditava naquilo que ninguém acreditava. Dois anos depois, o prefeito de Itaquitanga, na zona da mata norte de Pernambuco, quis promover o encontro. Em seguida apareceu outro prefeito, entraram os governos federal e estadual. Hoje, o Encontro Estadual dos Maracatus de Baque Solto está no calendário do carnaval de Pernambuco. Em 1989, eram 11 maracatus em atividade, hoje são 108 em todo o estado. O evento reúne 12 mil pessoas, os chamados folgazões. Mestre Salustiano não sabia o que estava fazendo, agia por amor à cultura. Como se não bastasse, em seguida criou a Casa da Rabeca do Brasil.

Qual era a intenção de Mestre Salustiano ao incentivar a transformação dos maracatus em pessoas jurídicas?

À medida que o tempo vai passando, sentimos que a burocracia vai aumentando, em relação ao povo da cultura. E ainda estamos engatinhando. Antes da Lei de Responsabilidade Fiscal, o prefeito metia a mão no bolso e dizia: “Tome tanto para você”. E o dono do maracatu ia embora. Depois passou a ser obrigatório emitir uma nota fiscal, assinar um convênio. Se você não tivesse CNPJ, não poderia entrar no processo. No passado, o maracatu saía nos engenhos, nos sítios e os proprietários davam o dinheiro. Não dependíamos de repartição pública. Éramos felizes. A repartição pública tem um lado bom, mas tem um lado ruim. Ela abre portas para os maracatus, mas, para fazer cultura, o mestre tem que estar vivo. Ele não depende da repartição pública para pegar o bombo e começar a tocar. Os filhos e os amigos vêm para perto e podem fazer cultura sem precisar de dinheiro. Mas se você sente a necessidade de dinheiro, a coisa vai ficar difícil – foi o que aprendemos com a repartição pública. Se não houver cuidado na divisão e na aplicação do dinheiro, a cultura vai acabar. Em carnavais passados, o caboclo ia para a mata, levava frutas para fazer sua oferenda e pedir proteção para os três dias de festa. A gente tomava o azougue [*bebida típica com cachaça*] na manhã do domingo de carnaval pelo meio do mundo, andando 20

ou 30 quilômetros, sem transporte. Esse é o baque solto, que hoje está mudando. As oferendas estão sendo esquecidas. As fantasias sofreram modificações. Os três guizos do passado hoje são nove chocalhos. O que era uma fantasia de oito quilos hoje chega a pesar 40. Outra coisa: não se anda mais a pé, é preciso carro para levar o caboclo. Isso aconteceu por causa da repartição pública. As pessoas querem se exibir. O que era feito no terreiro virou show para turista. Se pensassem no terreiro em primeiro lugar, a coisa seria outra.

Como deveria ser?

O engenho e o terreiro são os lugares bons para as apresentações e para as brincadeiras do maracatu. Ninguém nunca chega e diz: “Estou trazendo uma escola para ver a apresentação do maracatu no seu terreiro”. Quando alguém faz isso, perguntam: “Eu posso levar umas crianças para o senhor dar uma entrevista sobre o que é o maracatu?”. E nunca se pagou nada por isso. Mas, se as pessoas forem até o terreiro para ver o maracatu, os filhos e as pessoas daquela comunidade vão se sentir importantes. Ali é o lugar preparado para aquele povo brincar. Quando diminuem os grupos para subir em um palco ou ir para Recife, a importância vai para a fantasia. Esquece-se do ritual do seu terreiro.

O que é a Casa da Rabeca?

Meu pai encontrou certa vez com Gilberto Gil e Carlinhos Brown lá no Candelal, na Bahia. Ele me contou que nessa conversa, em uma brincadeira, Gil e Carlinhos falaram: “Você podia fazer a Casa da Rabeca”. Meu pai voltou com aquilo na cabeça e resolveu fazer a casa em um sítio que só tinha mato. Ele abriu um caminho que deixava passar um carro, pegou quatro madeiras, cobriu com palha de coqueiro e disse: “Aqui vai ter o encontro da rabeca com a sanfona – a Casa da Rabeca do Brasil”. No começo, cabiam umas 20 pessoas dançando. Ele foi investindo tudo o que tinha e que não tinha para fazer a casa crescer. Comprou barro, metralha, coisas para fazer aterro, porque o lugar era acidentado, e foi aumentando o salão. Hoje, a Casa da Rabeca faz festa para quase 2 mil pessoas. É perfeito para dançar forró pé-de-serra. Meu pai dizia: “Este é o meu lugar, minha vida será aqui a partir de agora”. A Casa da Rabeca passou a trazer grupos esquecidos, trios de forró, rabequeiros, muita gente. Hoje é um dos pontos turísticos de Olinda. Essa é uma das idéias de um homem que só pensava em cultura. Quando a gente viajava, muitas vezes dormíamos juntos e ele acordava de madrugada, dizendo que tinha tido uma ideia. Depois, tinha que realizar de todo jeito. Era um camarada teimoso, mas em cultura era doutor. Ele via com propriedade, com paixão, a ponto de

acreditar que os filhos poderiam chegar onde ele chegou por causa da cultura.

Como é a confecção das fantasias de maracatu?

A indumentária do caboclo de lança carrega quatro chocalhos, que são aqueles sinos. Tem camarada corajoso que bota até nove. Normalmente, é feito um quadrado de madeira para prender os chocalhos, coloca-se uma espuma e, em seguida, o couro, que pode ser pele de carneiro, de bode ou um tapete acrílico. É o surrão [cobertura sobre estrutura de madeira onde estão os chocalhos e que produzem o som típico do maracatu]. Depois, a gente vai na mata e tora uma vara boa, de mais ou menos dois metros, que não se quebre facilmente. Fazemos uma ponta, tipo lança, e a enfeitamos de fita de cetim. É tudo artesanal. Na sequência vem o chapéu, que antigamente era trabalhado com papel de seda e depois mudou para papel crepom e celofane. A gente cortava umas tirinhas fininhas e saía colando. Hoje temos um material chamado chicotinho, um tipo de fita metálica bem fininha. Pega-se um chapéu de palha e faz-se uma armação de arame e papel. Uma pessoa habilidosa na colada faz o chapéu em dois dias. Em seguida, vem a gola – aquela manta –, a parte mais demorada da fantasia do caboclo. Antes era feita com espelhos, passou para vidrilho, que também era um material pesado, e então começaram a usar a lantejoulas com precisão. O cara era um gênio. Se você for bom de bordado, vai levar 30 dias para preparar sua gola. Essa é a fantasia de arrumação: chapéu, gola, guiada e surrão. Por baixo, usa-se uma calça comprida que chamamos de ceroulão. Em cima dele, um tipo de bermuda fofa. Por fim, uma camisa estampada de manga comprida, óculos e maquiagem no rosto – que chamamos de melado. A maquiagem seria feita com urucum, mas como é difícil ser encontrado na cidade, então a gente usa o batom vermelho. Os óculos escuros são para se camuflar, porque nos engenhos a fantasia era feita às escondidas, e você reconhecia o caboclo pela pancada da matinada. Matinada é o outro nome do surrão. Cada caboclo bate naqueles chocalhos de uma determinada maneira. Juntos, há um segmento de pancadas. Agora, se eu estiver parado, você não me reconhece, porque faço minha fantasia escondido e todo ano mudo o chapéu, as fitas da guiada e a minha gola. Um caboclo experiente só conhece o outro pela pancada da matinada.

Como você disse, eram 11 e agora são 108 maracatus. Como é o surgimento dos novos mestres?

Muita gente se apaixonou pelo maracatu e está entendendo melhor o que é o baque solto. Já os mestres, aos poucos estão acabando. Hoje a Associação dos Maracatus de Baque Solto está com uma preocupação de trazer os filhos

para que eles não deixem essa cultura acabar. Porque existe, sim, o perigo de os rituais e da sambada acabarem.

O que é sambada?

A sambada é quando a gente dança. Ali está toda a força do maracatu. Ao chegar no terreiro e ver um homem de 80 anos dando um pinote, uma caída no chão e depois se levantando, você não acredita. Não imagina que ele tenha corpo para aquilo. É uma mistura de capoeira com frevo, cavalo-marinho, caboclinho, tudo. É uma dança livre de terreiro. É uma dança que você brinca a noite toda e, quando acaba, quer mais. Só que essa dança está lá no terreiro. Quem é da capital não sabe que ela existe. Pensam que o maracatu é aquilo que se vê na cidade, um correndo atrás do outro vestindo fantasia. E não é. No carnaval a gente se exhibe, mas a brincadeira mesmo está no terreiro. Ninguém quer ver porque lá no terreiro estamos só com camisa estampada. Qual é a beleza de uma camisa estampada para o povo da cidade? As pessoas não se ligam nisso, querem ver a fantasia. Por isso falo da questão do poder público: pagam para ver minhas fantasias, mas nunca deram dinheiro para que eu fizesse minha sambada de terreiro. Não posso fazer uma sambada dentro de um teatro, em cima de um palco, porque só funciona em um terreiro. Temos que começar a prestar atenção nessas coisas. De onde vem o maracatu? O que o maracatu faz? Em qual momento o caboclo trabalha, em qual momento dança, em qual o momento ele cuida do ritual? Aliás, o único ritual que resiste ainda hoje é a abstinência sexual sete dias antes das apresentações. Só os mais velhos seguem, os caboclos novos não.

Vocês se denominam brincantes. O que é um brincante?

Brincante é um folgazão (*risos*). É a pessoa que brinca os folguedos de cultura popular. Mas não usamos muito o termo brincantes entre nós. Tanto na linguagem do cavalo-marinho quanto na do maracatu de baque solto, sempre usamos folgazão.

Vocês são um Ponto de Cultura. Como isso funciona?

Tenho o Ponto de Cultura do Piaba de Ouro, que foi feito pelo Ministério da Cultura. Já desenvolvíamos atividades ali, então não sofremos com relação à burocracia. A nomeação como Ponto de Cultura foi um complemento, um título. Digo isso porque eu não concordo com a burocracia, acho que ela transforma o mestre em produtor. Eu achava que ao conseguir o selo Ponto de Cultura haveria pessoas competentes para fiscalizar e orientar as atividades

daquele segmento. Falo isso sem nenhum problema porque temos um bom relacionamento com o poder público, mas acho que é preciso abrir os olhos nesse sentido. No maracatu, gostaria que fosse assim: “Vou fazer tantas oficinas e fantasias, sendo que as oficinas serão de segunda à sexta das 8h ao meio-dia”. O ministério, então, iria fiscalizar. Sem me avisar, para evitar que eu montasse um circo, viria checar os resultados: “Cadê as fantasias?”. Mas não é assim. A maioria dos mestres que faz cultura popular são analfabetos. Nós não estudamos muito. Às vezes, só aprendemos a assinar o nome. Então, é preciso ter uma espécie de atravessador. Quando encontra uma pessoa séria, você vai de vento em popa, mas quando não encontra, pode ficar inadimplente. Neste caso, acaba parando com a atividade porque ficou devendo. Não vai conseguir captar recursos. O que vejo hoje é uma enxurrada de dinheiro sendo colocado na cultura, mas, na maioria das vezes, é usada pelos mais espertos – aqueles que sabem como chegar ao dinheiro. Isto está acabando com os mestres. Penso que tenho que me qualificar dentro da minha própria cultura e o poder público tem que fiscalizar se faço aquilo que eles querem. O ministério tem que olhar com mais calma para essa questão, para que não percamos esses terreiros por causa da burocracia. A idéia do Ponto de Cultura é perfeita porque dá visibilidade aos projetos, mas é preciso tomar cuidado com a burocracia. Tenho que repetir isso toda hora. Se deixarem acabar os terreiros, os mestres e a cultura também acabam. Por causa dos Pontos de Cultura e de todos esses editais, estamos conhecendo algumas pessoas. Mas o Brasil é enorme. É preciso cuidado. A melhor forma de salvar a cultura é pegar uma câmera e conhecer cada terreiro. Ver um tocador, tanto no cavalo-marinho quanto de um bumba-meu-boi, de um maracatu de baque solto ou de baque virado. E também fazer com que a comunidade comece a sentir orgulho daquele artista.

De um modo geral, não só na área da cultura, o Estado brasileiro é pouco preparado para dar dinheiro para pobres e analfabetos.

Mas quem faz cultura popular é pobre e analfabeto. A maioria é assim. Agora eu vivo um momento muito bom na Associação de Maracatus de Baque Solto em Pernambuco. Nos inscrevermos no edital do Ponto de Cultura que foi feito em parceria com o governo estadual, via Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe). Eles fizeram uma equipe de competência e sempre estão nos orientando em relação à prestação de contas e à fiscalização. Criamos um projeto que possui cursos de bordado, de música e de inclusão digital. Nossa idéia é convocar aqueles filhos dos mestres que têm vergonha de dançar o maracatu e que estão em

lan houses. Trazê-los para uma oficina de inclusão digital para qualificá-los. Imagine um cabra de 14 anos que se inscreve em um edital como o Prêmio de Culturas Populares, cujo formulário é fácil de preencher, e o pai é premiado. Esse menino de 14 anos lá do interior vai dizer: “Fui eu que fiz isso para o meu pai”. Terá orgulho. Já passamos este projeto por três cidades. Nesse momento estamos fazendo em Olinda. Compramos dez computadores com dinheiro do Ponto de Cultura. Já que está difícil levar o filho do mestre para o terreiro, pelo menos ele pode contribuir para aquela cultura e ter orgulho dela. Quando ele entrar no site do ministério ou do governo estadual, pode encontrar uma oportunidade para ajudar o pai, o avô, o tio, algum desses mestres da cultura. Ao observar que a cultura tem valor, quem sabe ele tome gosto pela coisa. Isso é o que estamos fazendo há um ano no Ponto de Cultura da Associação de Maracatus de Baque Solto de Pernambuco.

Conte um pouco das diferenças do que acontece em Olinda e em Recife.

Recife tem dois momentos: antes e depois do mandato do prefeito João Paulo Lima e Silva [2001-2009]. Antes, a gente se sentia um pouco excluído. Um exemplo disso é que havia 40 maracatus no Recife e só participavam de apresentações uns 15 ou 20. Conseguir uma vaga para se apresentar na cidade era difícil. João Paulo abriu as portas para todos, chegando a listar 80 maracatus para desfilar. O menor cachê, que era de R\$ 1,5 mil na época, passou para R\$ 5 mil. O maior foi para R\$ 12 mil. Isso ajudou no crescimento. Falo de maracatu de baque solto, mas também de outros segmentos, como caboclinho, frevo, bloco de pau e corda, índios, ursos e boi. O carnaval de Recife ganhou outra dimensão. Por outro lado, colocaram uma diversidade de artistas nacionais e deu aquela misturada, então faço essa crítica também. Deveria ter o espaço para as pessoas verem só o autêntico de Pernambuco e que ele conseguisse convencer a mídia a transmitir aquilo ali. Quem está em São Paulo assistindo pela televisão vê o show que está acontecendo no palco, mas não vê o maracatu ou o boi. Enfim, o prefeito João Paulo procurou valorizar as culturas populares, mas faltou um trabalho melhor de assessoria para divulgar a cultura popular dos clubes, dos blocos, dos maracatus e dos índios. Ele valorizava financeiramente, mas esqueceu de explorar isso, dar visibilidade ao trabalho. Quando você sai de São Paulo ou de Santa Catarina, não vai para Pernambuco ver Zeca Pagodinho, nem Maria Rita. Eles estão aqui também. Você vai para ver maracatu, frevo e caboclinho.

E as diferenças entre os carnavais de Recife e de Olinda?

Olinda é aquela coisa da rua, um carnaval espontâneo. Aquilo é mágico,

aquelas ladeiras, é a coisa mais maravilhosa que só acontece no carnaval. Olinda é só carnaval. Depois da folia, deveriam explorar isso, para que as pessoas pudessem ver os maracatus, os clubes, tudo. Apesar de ser uma cidade turística, não sabem usar isso. Tenho um bom relacionamento com a prefeitura, mas sou sincero: o Piaba de Ouro se apresenta só no carnaval em Olinda, porque eles não tem esse conceito de mostrar para o turista o que a cidade tem. Está faltando ao poder público parar de ver aquele momento como se fosse uma obrigação: “Vamos pagar bem ao Piaba de Ouro, porque é carnaval”. Mas passou o carnaval, acabou.

Como é o cotidiano de um terreiro, as festas, os encontros?

Após o carnaval, descansamos dois meses, porque a luta é grande. Em maio, começam os preparativos e a confecção das fantasias. Elaboramos as ideias e já vamos bordando. Quando chega setembro, a gente inicia as sambadas de terreiro. Geralmente é no primeiro sábado de cada mês. No passado, quando as condições permitiam, dois maracatus se juntavam, um recebendo o outro. Todo mundo de camisa de manga comprida, estampada, um pedaço de pau que chamamos de cacete e uma espécie de guiada para fazer as manobras no terreiro. O caboclo não pode deixar de ter uma bengala, para ficar mais fácil. Fazemos dois cordões de caboclo, sem a fantasia, dois cordões de baianas, também à paisana, o terno, o mestre e os arreia-mar. Monta-se o maracatu e começa a dança no terreiro, esperando o outro grupo, também com essa formação. Depois as madeiras e as bengalas são recolhidas e começa a sambada. Um e outro mestre improvisando, como duas torcidas de futebol. Vibramos a cada samba bem feito. Ali há coisas que você nem imagina. Vê o camarada dar uma rasteira, dar um pulo e fazer várias coisas a noite todinha. No terreiro todo mundo bebe muito, mas é uma coisa responsável. O dono do maracatu, no caso o presidente, está de olho em todos porque ali está seu povo, sua nação. Estou lá de um lado e o outro presidente de outro a tomar conta daquele povo como se fosse nossa família. E vai de 21h até às 5h. Já vi sambada acabar às nove da manhã! Os mestres não se largavam! Hoje está difícil, geralmente sambamos sozinhos porque o gasto é bem menor, convidando só o mestre de outro maracatu para uma sambada e brincada no terreiro. É assim que estamos perdendo a verdadeira brincadeira.

Uma vez você falou que o maracatu era uma história de luta e de resistência na história da cana. Como é resistir?

O maior exemplo é o de seu Zé Miguel, lá da cidade de Carpina, conhecido

como Neguinho do Imbé. Esse homem cria porco para botar o maracatu na rua. Certo dia ele me convidou para ir à casa dele e fez aquela festa. Fomos eu e um amigo, que pediu: “Eu podia usar seu sanitário?”. Não tinha sanitário, era dentro das canas. A casa dele era um pedaço de madeira no qual as pessoas sentavam, mas no domingo de carnaval, o maracatu dele era a coisa mais linda! Eu pensava: “Como é que esse camarada consegue isso?”. Foi quando comecei a entender que os homens do maracatu de baque solto são guerreiros, são muito fortes. Para resistir às dificuldades e se tornar rico. Compreendi porque isso não se acabava, porque existia um Salustiano para dar à luz e depois as coisas andarem e crescerem. Se você for um simples cortador de cana, as pessoas não lhe enxergam, mas dentro do maracatu você é um rei. Você é um presidente ou um capitão dentro do cavalo-marinho. A gente se torna autoridade, pessoas importantes. Na rua, passo despercebido. Mas se eu estiver dentro do maracatu, todo mundo me enxerga; sou um guerreiro. De todos os folguedos, para mim é o mais forte.

Quais as marcas da escravidão dos negros e dos índios dentro dos terreiros?

As marcas ainda existem. Muitos homens trabalham para comer. Digo que nossos escravos eram índios porque o baque solto vem de uma dança indígena. É como se estivéssemos fazendo uma festa de índios, pois eles dançam em roda. Mas a escravidão é tão séria que poucas pessoas falam que baque solto é cultura indígena misturada com a cultura africana. Continuam escravizando o índio porque escondem a sua cultura. Uma provocação: se temos que pedir perdão aos africanos, mesmo nunca tendo ido lá buscar um deles para ser escravo, por que não pedir perdão para os índios que eram os donos desta terra? Ainda hoje existe escravidão, até cultural. Deveria se pensar com mais carinho sobre a questão indígena.

Guimarães Rosa dizia: “Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende”. Como se faz um mestre no maracatu?

O mestre tem que viver. Não adianta pegar um livro, ler e ir para um terreiro dançar. Para ser mestre, você tem que todo dia aprender e ensinar. Só porque uso camisa estampada, chapéu e estou no terreiro com uma bengala, não posso achar que sou mestre. Tenho 40 anos, sou filho de um mestre, e muitas vezes as pessoas querem me chamar de mestre. Não aceito. Tenho muito o que aprender, muito mesmo. Hoje está começando a existir uma banalização nesse sentido. Muita gente que está em um terreiro e bate

um bombo acha que é mestre. Não é por aí. O respeito você vai adquirindo. É uma coisa natural. Não é você quem vai me intitular mestre. Nem sou eu. Mas, naturalmente, todo mundo vai me ver como mestre. Não basta ter conhecimento, é preciso liderança, reconhecimento e dom para repassar o maracatu. Tem coisas que acontecem no nosso terreiro que nem todo mundo pode saber. Somos místicos e temos segredos.

O que é um dia de carnaval para o maracatu?

Parece que todo carnaval é o primeiro. Cria-se uma expectativa dentro da gente. É o resultado do trabalho de um ano. Primeiramente, o grupo se apresenta no terreiro. Não tem coisa mais bonita para um dono de maracatu do que ver o seu brinquedo formado e dizer assim: “Estou satisfeito, agora vou mostrar para o povo”. É uma vitória, um presente, é entrar em um mundo e não ter vontade de sair. Era para o carnaval durar um mês e não três dias. Não interessa o tamanho do maracatu, pode ser o menor deles. Pode ser o Piaba de Ouro, com 220 componentes, ou outro com 20. A emoção é a mesma. É o meu brinquedo, o meu maracatu, a minha paixão.

Para assistir essa entrevista em vídeo:

<http://www.producaocultural.org.br/slider/manoel-salustiano/>